

## A NARRATIVA DA MORTE: PLATÃO E A MORTE FILOSÓFICA<sup>1</sup>

José Gonçalves Poddis\*  
Universidade Federal de Minas Gerais

ABSTRACT: This paper is a brief commentary on the narrative of Socrates' death in the *Phaedon*. The aim is to perceive the textual elements used and possible impacts of that construction.

KEYWORDS: Socrates; Platon; death.

No Livro X d'*A República*, Sócrates e Glauco discutem o valor das artes miméticas.<sup>2</sup> Platão propõe que poetas como Homero, assim como os artesãos que imitam formas verdadeiras, estão afastados da verdade em segundo grau, já que, segundo ele, as formas existentes no mundo real são aparências da verdade; conseqüentemente, nosso mundo sensível seria a primeira cópia, ou imitação, desta suposta verdade.<sup>3</sup> Um artesão que copia estas formas (uma cama, no exemplo dado por Platão), afastar-se-ia dela em segundo grau, imitando-lhe a aparência.

---

\*jpoddis@hotmail.com

<sup>1</sup> Texto originalmente apresentado como comunicação oral no “XVII Congresso Nacional de Estudos Clássicos”, promovido pela Sociedade Brasileira Estudos Clássicos (SBEC) em Natal/ RN – 21 a 25 de setembro de 2009 –, com apoio da Fundação Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

<sup>2</sup> Essa questão foi anteriormente tratada por Platão nos livros II e III d'*A República* e em outros diálogos, como a *Apologia*, o *Lísias*, o *Mênnon*, o *Fédon* e o *Banquete*. A concepção de que todo tipo de poesia é mimética já aparece no livro II (373b) e III (382b). Sobre a discussão entre arte, poesia e mimesis, cf. introdução de Halliwell *apud* Plato. *Republic 10*. Translation and commentary of S. Halliwell. Warminster: Aris & Phillips 1988, p. 1-32.

Um pintor que retratasse esta cama, feita pelo artesão, estaria ainda mais afastado, pois sua obra seria a imitação da imitação da aparência.<sup>4</sup>

Seguindo este raciocínio, a poesia épica, assim como a pintura, não é capaz de ensinar ou transmitir nada de real ou verdadeiro e, conseqüentemente, nenhuma virtude, pois “o criador de imagens, o imitador, não entende nada da realidade, só conhece a aparência”.<sup>5</sup> E, mais grave, eles causam danos irreversíveis aos espectadores.<sup>6</sup>

A crítica à poesia e às artes miméticas já apareceu nos livros II e III. Porém, neste momento ela tem um escopo diferente, pois

O próprio Livro X na verdade levanta as alegações anteriores de falsidade e dano psicológico, mas as amplia e modifica a importância de ambas, e deste modo leva ainda mais longe a “querela” entre filosofia e poesia (607b5). O ataque é agora de um tipo mais radical, e gira em torno da recente compreensão da mimesis como um processo especioso de fazer-imagem o qual responde por toda arte poética e visual. Julga-se ser a Mimesis, agora, *inerentemente* falsa ou falsificada, muito mais do que simplesmente capaz de expressar falsidade.<sup>7</sup>

<sup>3</sup> Cf. Strauss, L. *The man and the city*. Chicago: Chicago University Press, 1978, p. 135: *In order to understand Socrates' seemingly outrageous judgment on poetry, one must first identify the artisans whose work the poet imitates. The poets' themes are above all human beings as referred to virtue and vice; the poets see the human things in the light of virtue; but the virtue toward which they look is an imperfect and even distorted image of virtue (598e1-2; 599c6-d3; 604e4-5).*

<sup>4</sup> Em outras palavras, Gastaldi [Commento al libro X, (A). In: Platone. *La Repubblica*. Traduzione e commento a cura di Mario Vegetti. Milano: Bibliopolis, 2007. Vol. VII, libri X, p. 103] assim define a operação mimética: *Lo scopo dell'argomentazione platonica è quello di costruire una gerarchia ontologica in senso discendente. Se al suo culmine si coloca l'idea, il secondo posto è occupato dall'orgetto sensibile e solo terza viene l'opera di riproduzione, la mimesi. Lo chiarisce bene l'esempio adottato, quello del letto, che anonovera l'idea di letto, il letto prodotto dal falegname e il letto dipinto dal pittore.*

<sup>5</sup> As traduções, quando não mencionadas, são de minha autoria. Platão, *Rep. X*, 601b 9-10. Em nota sobre este trecho, Kirk (cf. Plato, *op. cit.*, 1988, p. 128) afirmará: *Of the three activities of using, making and representing/imitating things, the first alone involves true knowledge, while making rests on true opinion, and mimesis on nothing but ignorance.*

<sup>6</sup> Assim comenta Gastaldi (*op. cit.*, p. 94-95): *La posizione di Socrate è più drastica: le opere a carattere imitativo non saranno ammesse perché producono un grave danno, λωβη, all'intelligenza degli ascoltatori, specie di quelli che non sono in grado di porvi rimedio tramite l'unico antidoto, "pharmakon", adeguato, e cioè la conoscenza dell'effettivo statuto della "mimesis".*

<sup>7</sup> Platão, *op. cit.*, 1988, p. 5: *Bk. 10 itself in fact picks up the earlier allegations of falsehood and psychological harm, but it enlarges and modifies the import of both, and thereby carries altogether further philosophy's "quarrel" with poetry (607b5). The attack is now of more radical kind, and revolves around the fresh understanding of mimesis as a process of specious image-making which*

De fato, se tomarmos as *miméseis*, observamos que os imitadores estão mais inclinados a imitar os homens nos momentos em que eles estão fora de si, afetados pelas paixões, agindo na irracionalidade. O filósofo explica que isso se dá porque

O caráter irascível presta-se a imitações numerosas e variadas, *ao passo que o caráter prudente e tranquilo, sempre igual a si mesmo*,<sup>8</sup> não é fácil de imitar, nem fácil de compreender, uma vez expresso, sobretudo numa assembleia em festa e pelos homens de todo tipo que se encontram reunidos nos teatros.<sup>9</sup>

Assim, os poetas privilegiam mundos conforme seus interesses e ao fazê-lo exibem somente o mundo aparente que veem. Como eles não conseguem apreender a verdade, recriam-no como se fosse o verdadeiro.<sup>10</sup> A proposta acaba por se comportar como uma acusação muito séria à poesia e em particular ao teatro, incapaz de ensinar a virtude e a retidão, alimentando o πάθος do povo com o espetáculo do aparente.<sup>11</sup> Podemos mesmo pensar em uma crítica ao Estado democrático, o qual seria movido pela vontade da maioria composta por indivíduos reunidos numa Assembleia, instigados pela emoção que embota a razão, correndo o risco de cometer injustiças, como a condenação de Sócrates.<sup>12</sup>

---

*accounts for all poetic and visual art. Mimesis is now judged to be inherently false or fake, rather than simply capable of conveying falsehoods.*

<sup>8</sup> Grifo nosso.

<sup>9</sup> Platão, *Rep. X*, 604e1-605a6: Οὐκοῦν τὸ μὲν πολλὴν μίμησιν καὶ ποικίλῃν ἔχει, τὸ ἀγανακτικόν, τὸ δὲ φρόνιμόν τε καὶ ἡσύχιον ἦθος, παραπλήσιον ὄν ἀεὶ αὐτὸ αὐτῷ, οὔτε ῥάδιον μιμήσασθαι οὔτε μιμουμένου εὐπετὲς καταμαθεῖν, ἄλλως τε καὶ πανηγύρει καὶ παντοδαποῖς ἀνθρώποις εἰς θέατρα συλλεγομένοις (em tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado; ao longo deste artigo, utilizaremos mais de uma tradução).

<sup>10</sup> Para uma aproximação entre o poeta e os sofistas, cf. Gastaldi, *op. cit.*, p. 102ss.

<sup>11</sup> Assim considera Halliwell (cf. Plato, *op. cit.*, 1988, p. 4): *Is the sense that poetry can and does possess the serious power to work deleterious effects on its audiences. This becomes a permanent concern of Plato's, variously elaborated. One recurrent idea (derived particularly from the cultural conditions of classical Athens) is that poetry is debased by the requirement of satisfying mass audiences: e.g. Ap. 18c-d, Grg. 501-d, Rep. 6.493. Related to this is the suspicion that poetry (and other art) may be prepared to sacrifice ethical standards to the pursuit of one simple goal – giving pleasure to its devotees.*

<sup>12</sup> Cf. Strauss, *op. cit.*, p. 133: *Tyranny and democracy are characterized by the surrender to the sensual desires, including the most lawless ones. The tyrant is "Eros" is incarnate. And the poets sing the praise of "Eros". They pay very great attention and homage precisely to that phenomenon from which Socrates abstracts in the Republic to the best of his powers. The poets therefore foster injustice.*

No *Fédon*, um exemplo de como este mecanismo de criação poética funciona nos é dado por Platão. Sócrates recebe os amigos no seu último dia de vida. O guarda retira as correntes que o prendem e ele se senta no catre para conversar com os visitantes. Esfregando as pernas, o filósofo diz:

Que coisa mais estranha – disse-nos – isso que os homens chamam prazer e como se harmoniza maravilhosamente com a dor que se acredita, entretanto, ser seu contrário! Porque, se não podem ser encontrados juntos, quando se toma um dos dois, deve-se esperar quase sempre o outro, como se estivessem inseparavelmente ligados. Creio que se Esopo tivesse atentado nesta ideia, teria feito, sem dúvida, uma fábula: teria dito que deus, tendo desejado reconciliar esse dois inimigos e não o conseguindo, atou-os pelas cabeças, de modo que, desde então, quando um chega, o outro o segue de perto. É o que sinto eu mesmo, porque à dor que os ferros causavam a esta perna parece suceder, agora, o prazer.<sup>13</sup>

Neste exemplo, observamos primeiro que Sócrates não está dizendo a verdade, no sentido estritamente platônico, e sim emitindo uma opinião acerca do que as sensações que causam prazer podem parecer (φαίνεται) ser. Ele fala, portanto, da aparência e, quando imagina o poeta Esopo, figura-o criando uma *mimésis* da aparência. Em segundo lugar, exige-se recorrer a um tipo de subterfúgio que dê à aparência a verossimilhança e o aspecto de verdade; no caso, seria a afirmação de que o prazer é obra de deus. Em terceiro, o resultado da operação mimética é uma ficção

<sup>13</sup> Platão, *Fédon*, 60b3-60c7: "Ὁ ἄνδρες, ἔοικέ τι εἶναι τοῦτο ὃ καλοῦσιν οἱ ἄνθρωποι ἡδύ: ὡς θαυμάσιως πέφυκε πρὸς τὸ δοκοῦν ἐναντίον εἶναι, τὸ λυπηρόν, τὸ ἅμα μὲν αὐτῷ μὴ θέλειν παραγίγνεσθαι τῷ ἀνθρώπῳ, εἰάν τις διώκη τὸ ἕτερον καὶ λαμβάνη, σχεδόν τι ἀναγκάζεσθαι αἰεὶ λαμβάνειν καὶ τὸ ἕτερον, ὡς περ ἐκ μιᾶς κορυφῆς ἡμμένω δύο ὄντε. καὶ μοι δοκεῖ, ἔφη, εἰ ἐνενόησεν αὐτὰ Αἴσωπος, μῦθον ἂν συνθεῖναι ὡς ὁ θεὸς βουλόμενος αὐτὰ διαλλάξαι πολεμοῦντα, ἐπειδὴ οὐκ ἐδύνατο, συνῆψεν εἰς ταῦτόν αὐτοῖς τὰς κορυφάς, καὶ διὰ ταῦτα ὧ ἂν τὸ ἕτερον παραγένηται ἐπακολουθεῖ ὕστερον καὶ τὸ ἕτερον. ὡς περ οὖν καὶ αὐτῷ μοι ἔοικεν· ἐπειδὴ ὑπὸ τοῦ δεσμοῦ ἦν ἐν τῷ σκέλει τὸ ἀλγεινόν, ἦκειν δὴ φαίνεται ἐπακολουθοῦν τὸ ἡδύ (tradução de José Américo Motta Pessanha para Platão; comentadores salientam invariavelmente, em relação a esta passagem, a face religiosa de Sócrates. Cf., por exemplo, Dixsaut, M. *Phédon*. Traduction nouvelle, introduction et notes par M. Dixsaut. Paris: Flammarion, 1991; Guardini, R. *The death of Socrates. An interpretation of the platonic dialogues: Euthyphro, Apology, Crito and Phaedo*. New York: Sheed & Ward, 1948).

(μυθολογικός) que fala de coisas verdadeiras, como ele declara a ordem divina de fazer poesia: “Comecei por este hino ao deus cuja festa se celebrava, porém, depois, refletindo que para ser verdadeiro poeta não basta saber fazer verdadeiros discursos em versos, mas que é preciso inventar ficções”.<sup>14</sup>

A partir do que foi dito, podemos então levantar a hipótese de que Platão, ao escrever os diálogos, estaria corrigindo as falhas dos que o procederam, para adequar a arte poética ao serviço da cidade, com a função de ser capaz de ensinar a virtude?<sup>15</sup> Para responder a essa questão, testaremos a teoria platônica de criação poética, observando a narrativa da morte de Sócrates.

Nosso filósofo desaprova as narrativas da morte épica e dos tragediógrafos, pois abomina as lamentações, o bater no peito, o jogar poeira sobre a cabeça, o puxar dos cabelos, os longos dias de jogos rituais. Ele inaugura, pelas palavras de Sócrates, uma nova idealização de morte n’ *A República*, já concebida anteriormente no *Fédon*:

A lei diz que não há nada mais belo do que manter a calma, tanto quanto possível, na infelicidade, e não se afligir, porque não se pode distinguir com clareza o bem do mal que ela comporta; não se ganha nada em indignar-se, nenhuma das coisas humanas merece ser tomada muito a sério, e, numa ocasião dessas, agindo com destempero, seria impossível ver o que estaria vindo em nosso socorro, porque nosso desgosto nos impediria.<sup>16</sup>

Postulamos que, com esse raciocínio, Platão, no *Fédon*, reescreve a tradição e apresenta de que modo um homem justo e virtuoso deve morrer. Sócrates é seu paradigma e Fédon, um narrador indireto que

<sup>14</sup> Platão, *Fédon*, 61b2-6: “Οὐτω δὴ πρῶτον μὲν εἰς τὸν θεὸν ἐποίησα οὐ ἦν ἡ παρούσα θυσία· μετὰ δὲ τὸν θεόν, ἐννοήσας ὅτι τὸν ποιητὴν δέοι, εἰς ἕπερ μέλλοι ποιητῆς εἶναι, ποιεῖν μύθους ἀλλ’ οὐ λόγους, καὶ αὐτὸς οὐκ ἦ μυθολογικός (tradução de José Américo Motta Pessanha).

<sup>15</sup> Sobre a discussão acerca da *paideia* grega e do estatuto de Homero como educador da Grécia, cf. Gastaldi, *op. cit.*, p. 113 ss.

<sup>16</sup> Platão, *Rep.* X, 604b9-604c3: Λέγει που ὁ νόμος ὅτι κάλλιστον ὅτι μάλιστα ἡσυχίαν ἄγειν ἐν ταῖς συμφοραῖς καὶ μὴ ἀγανακτεῖν, ὡς οὔτε δήλου ὄντος τοῦ ἀγαθοῦ τε καὶ κακοῦ τῶν τοιούτων, οὔτε εἰς τὸ πρόσθεν οὐδὲν προβαίνειν τῷ χαλεπῶς φέροντι, οὔτε τι τῶν ἀνθρωπίνων ἀξίον ὄν μεγάλης σπουδῆς, ὅ τε δέι ἐν αὐτοῖς ὅτι τάχιστα παραγίγνεσθαι ἡμῖν, τούτ’ ἐμποδῶν γιγνόμενον τὸ λυπέισθαι (tradução de Enrico Corvisieri).

conta a Equécrates o que aconteceu, depois da execução. A narrativa platônica não é mais resultado da cooperação entre o poeta e Musa, nem a dramatização do *agón* trágico de personagens míticos, mas um *lógos* construído na depuração da verdade, da experiência submetida à reflexão que busca controlar as emoções e cristalizar a virtude, atividade própria do verdadeiro filósofo.<sup>17</sup>

Conta então o narrador que, depois de discutirem acerca da imortalidade da alma, Sócrates começa a se preparar para a execução. Diz ele, em conclusão às suas ponderações sobre a prática da filosofia:

O homem – que se dedicou aos prazeres que têm a instrução por objeto e que desse modo embelezou sua alma, não com adereços estranhos e nocivos, mas com o que propriamente se mais lhe convém, como a temperança, a justiça, a coragem, a liberdade, a verdade – aguarda confiante e corajoso o momento de se encaminhar para o Hades, quando seu destino o chamar. Vós, com certeza, Símiias, Cebes, e todos os demais, mais tarde vos poreis a caminho. Quanto a mim, meu destino me chama neste momento, como diria um ator de tragédia.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Cf. Ahrens Dorf, P.J. *The death of Socrates and the life of philosophy. An interpretation of Plato's Phaedo*. Albany: State University of New York Press, c1995, p. 199: *In the "Phaedo", Socrates presents to his friends a final defense of his philosophic life (63b1-5, 63e8-64a3). In the first place, he argues that, since the wisdom the philosopher seeks is so fine and pure a thing. He cannot attain it in this life but only, if at all, in an afterlife (65a9-66e6). And he then proceeds to argue both that the soul is immortal (70c4-80e2, 102a10-107a1) and that, if the philosopher should purify his truest self – his soul – of all that is merely human and mortal, he will deserve the divine reward of pure wisdom and everlasting happiness (66e6-69d2, 80e2-84b8).*

<sup>18</sup> Platão, *Fédon*, 114d8-115a6: ἀλλὰ τούτων δι' ἕνεκα θαρρεῖν χρὴ περὶ τῆ ἑαυτοῦ ψυχῇ ἄνδρα ὅστις ἐν τῷ βίῳ τὰς μὲν ἄλλας ἡδονὰς τὰς περὶ τὸ σῶμα καὶ τοὺς κόσμους εἶασε χαίρειν, ὡς ἀλλοτρίους τε ὄντας, καὶ πλέον θάτερον ἡγησάμενος ἀπεργάζεσθαι, τὰς δὲ περὶ τὸ μανθάνειν ἐσπούδασέ τε καὶ κοσμήσας τὴν ψυχὴν οὐκ ἀλλοτρίῳ ἀλλὰ τῷ αὐτῆς κόσμῳ, σωφροσύνη τε καὶ δικαιοσύνη καὶ ἀνδρεία καὶ ἐλευθερία καὶ ἀληθεία, οὕτω περιμένει τὴν εἰς Αἴδου πορείαν [ὡς πορευσόμενος ὅταν ἡ εἰμαρμένη καλῇ] ὑμεῖς μὲν οὖν, ἔφη, ὦ Σιμμία τε καὶ Κέβης καὶ οἱ ἄλλοι, εἰς αὐθις ἐν τινι χρόνῳ ἕκαστοι πορεύσεσθε· ἐμὲ δὲ νῦν ἤδη καλεῖ, φαίη ἂν ἀνὴρ τραγικός, ἡ εἰμαρμένη, καὶ σχεδὸν τί μοι ὦρα τραπέσθαι πρὸς τὸ λουτρόν (tradução de José Américo Motta Pessanha).

Na narrativa de Fédon, Platão vai pontuando como Sócrates exemplifica a maneira correta de comportar-se.<sup>19</sup> A palavra *orthós* (ὀρθός) e congêneres, relacionada com o correto falar, o correto filosofar, o correto agir,<sup>20</sup> ocorre dezesseis vezes no diálogo,

Depois de longa conversa acerca da alma, Sócrates diz: “creio que ainda me resta tempo para um banho, é melhor, segundo me parece, lavar-me antes de tomar o veneno e não deixar para as mulheres o trabalho de lavar um cadáver”.<sup>21</sup> Perguntado por Críton a respeito de como deveria encaminhar seu enterro, Sócrates dá uma resposta evasiva, sem qualquer vaidade: “deve-se ter mais coragem e dizer que é meu corpo o que amortalhas, e faça-o como te agradar e do modo que acreditares mais conforme às leis.”<sup>22</sup> Didaticamente, a preocupação maior do que vai morrer é insistir em que, para o verdadeiro filósofo, o importante é o cuidado com a alma e, conseqüentemente, a busca da felicidade.<sup>23</sup> O pragmatismo em relação ao seu cadáver opõe-se diametralmente à narrativa de Homero no que toca às honras fúnebres. Para efeito de comparação, os rituais de Pátroclo na *Ilíada* são grandiosos.<sup>24</sup> Realizam-se jogos com participação dos principais protagonistas da guerra do lado aqueu; foram sacrificados doze guerreiros troianos, antes de a pira arder com o corpo do jovem companheiro de Aquiles.

<sup>19</sup> Cf. Strauss, *op. cit.*, p. 51: *Let us then assume that the platonic dialogues do not convey a teaching, but, being a monument to Socrates, present the Socratic way of life as model.*

<sup>20</sup> Cf. Gastaldi, *op. cit.*, p. 120: *All' imitazione e alla produzione si unisce così la tecnica d'uso, che è nettamente superiore, sotto il profilo conoscitivo, alle altre due. Solo colui che la detiene è in grado di volutare le caratteristiche da cui dipende la qualità tanto dei prodotti artificiali quanto degli esseri animati e delle azioni umane, cioè l'eccellenza (arete), la bellezza (kallos) e la correttezza (orthotes).*

<sup>21</sup> Platão, *Fédon*, 115a7-8: Δοκεῖ γὰρ δὴ βέλτιον εἶναι λουσάμενον πιεῖν τὸ φάρμακον καὶ μὴ πράγματα ταῖς γυναίξιν παρέχειν νεκρὸν λούειν (tradução de José Américo Motta Pessanha).

<sup>22</sup> Platão, *Fédon*, 115e6-116a1: Ἄλλὰ θαρρεῖν τε χρὴ καὶ φάναι τοῦμὸν σῶμα θάπτειν, καὶ θάπτειν οὕτως ὅπως ἂν σοὶ φίλον ἦ καὶ μάλιστα ἡγῆ νόμιμον εἶναι (tradução de José Américo Motta Pessanha).

<sup>23</sup> Cf. Ahrensdoerf, *op. cit.*, p. 196: *Socrates urges his friends, then, to believe that, once he has been executed, he will immediately depart from his body and also from them and that he will enjoy an everlasting happiness in Hades. And he thereby reassures them that, by dying, he will not be suffering anything frightful or pitiable.*

<sup>24</sup> Homero, *Ilíada* XXIII, 19ss.

Efetivamente, o contraste é expressivo; para Sócrates, a morte nada mais é do que “[o] completo desligamento da alma imortal de seu corpo, e a vida do amante da sabedoria é um ensaio ou preparação para essa liberação final”.<sup>25</sup>

Chegada a hora, trazem-lhe uma taça com veneno e Fédon, prosseguindo, relata: “Sócrates apanhou-a, Equécrates, com a maior tranquilidade, sem nenhuma emoção, sem alterar sua expressão, sem mudar de cor”.<sup>26</sup> É interessante notar que, na *Ilíada*, temos novamente exemplos de guerreiros que empalideceram de terror diante do perigo: Páris diante de Menelau, os exércitos aqueus quando da manifestação prodigiosa dos trovões de Zeus e Dólou, ao ver uma lança atirada por Diomedes por sobre seus ombros.<sup>27</sup>

Segundo o testemunho de Equécrates, o filósofo perguntou se devia fazer uma libação aos deuses, ato de piedade religiosa contestada durante seu julgamento, tema do outro diálogo platônico (*Crítou*); orou e “depois de ter tido isto, levou a taça aos lábios e esgotou-a, sem o menor gesto de dificuldade ou repugnância”.<sup>28</sup> Se o Sócrates platônico demonstra tal destemor, o mesmo não acontece com os presentes que sofrem; naquele momento, emocionados, começam a chorar, comovidos pela perda do mestre, que impacientemente admoesta-os:

“Que fazeis, meus amigos? – Disse-nos – Não foi por isso que mandei que saíssem as mulheres, por sua falta de moderação, porque a mim ensinaram que se deve morrer com formosas palavras? Permaneci, portanto, tranquilos e demonstrei coragem”. Estas palavras nos encheram de confusão e detiveram nossas lágrimas.<sup>29</sup>

<sup>25</sup> Cf. Cornford, F. McD. *Antes e depois de Sócrates*. Tradução de Walter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 67.

<sup>26</sup> Platão, *Fédon*, 117b3-5: Καὶ ὅς λαβὼν καὶ μάλα ἴλεως, ὧ Ἐχέκρατες, οὐδὲν τρέσας οὐδὲ διαφθείρας οὔτε τοῦ χρώματος οὔτε τοῦ προσώπου (tradução de José Américo Motta Pessanha).

<sup>27</sup> Cf. Homero, *Ilíada* III, 34-7; VIII, 75-7 e X, 374-6 respectivamente.

<sup>28</sup> Platão, *Fédon*, 117c3-5: Καὶ ἄμ' εἰπὼν ταῦτα ἐπισχόμενος καὶ μάλα εὐχερῶς καὶ εὐκόλως ἐξέπιεν (tradução de José Américo Motta Pessanha).

<sup>29</sup> Platão, *Fédon*, 117d7-e4: Εκείνος δέ, Σία, ἔφη, ποιεῖτε, ὧ θαυμάσιοι. ἐγὼ μέντοι οὐχ ἤκιστα τούτου ἕνεκα τὰς γυναῖκας ἀπέπεμψα, ἵνα μὴ τοιαῦτα πλημμελοῖεν· καὶ γὰρ ἀκήκοα ὅτι ἐν εὐφημίᾳ χρὴ τελευτᾶν. ἀλλ' ἡσυχίαν τε ἄγετε καὶ καρτερεῖτε. Καὶ ἡμεῖς ἀκούσαντες ἡσυχύθημέν τε καὶ ἐπέσχομεν τοῦ δακρῦειν (tradução de José Américo Motta Pessanha).



Anteriormente Sócrates já havia ordenado que sua mulher e seus filhos fossem retirados da prisão e levados para casa, justamente para evitar gritos e lamentos.<sup>30</sup> Platão elimina, metaforicamente, as emoções exageradas da narrativa, opção significativa para pensarmos o lugar da poesia e do teatro na cidade ideal de Platão. A descrição dos momentos finais da vida do idealizador da maiêutica é famosa: o homem que lhe trouxe o veneno apalpa-lhe as pernas em direção à cabeça, perguntando-lhe se ele sentia seus membros; placidamente Sócrates exorta Críton a sacrificar o galo a Asclépio,<sup>31</sup> seu corpo estremece e para de respirar; Críton fecha-lhe os olhos e a boca.

Interessante destacar que, ao colocar Fédon como narrador em um plano temporal distante dos acontecimentos, Platão cria um efeito retórico que nos permite avaliar a recepção dos diálogos que se esperava suscitar nos leitores.<sup>32</sup> No prólogo, Fédon fala a Equécrates com serenidade sobre aqueles dias com o mestre, avaliando o dia em que ele morreu.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> Platão, *Fédon*, 60a.

<sup>31</sup> Cf. Baslez, M.-F. *Les persécutions dans l'Antiquité. Victimes, héros, martyrs*. Paris: Fayard, 2007, p. 29-30: *Cette vie pieuse se clôt par un geste tout à fait symbolique. La dernière préoccupation du philosophe est de faire accomplir le sacrifice d'un coq, promis à Asclépios. Le sacrifice est, en effect, l'acte le plus important et le plus significatif de la pratique religieuse antique.*

<sup>32</sup> Sobre este aspecto, comenta Desclos (*Structure des dialogues de Platon*. Paris: Ellipses, 2000, p. 19): *À cet égard ces trois dialogues ("Fédon", "Banquete" e "Parménides") sont paradigmatiques en ce qu'ils illustrent chacun un niveau différent de l'ἀκοή, et qu'ils glosent sur ces différents niveaux. Ainsi du Phédon, qui situe Echécrate et le lecteur-auditeur au premier niveau de l'ἀκοή. Le texte y insiste qui, dès la première phrase, interroge: "Étais-tu en personne (αὐτός ... παραγένου) Phédon, aux côtés de Socrate, ce jour où il but le poison dans la prison? Ou bien as-tu entendu (ἠκουσας) d'un autre ce que tu sais?" (57a1-3). Αὐτός, ἠκουσας: la phrase inaugurale du dialogue s'ouvre et se clôt sur ces deux mots, intégrant d'entrée de jeu la hiérarchisation des témoignages propre au discours historique, et garantissant du même coup la fiabilité de ce que va être dit (sobre uma outra classificação dos diálogos platônicos, utilizando como critério a fala do narrador, cf. Strauss, *op. cit.*, p. 58ss).*

<sup>33</sup> Platão, *Fédon*, 58e1-4; 59a7-b1: *Καὶ μὴν ἔγωγε θαυμάσια ἔπαθον παραγενόμενος. οὔτε γὰρ ὡς θανάτῳ παρόντα με ἄνδρὸς ἐπιτηδείου ἔλεος εἰσῆει· εὐδαίμων γὰρ μοι ἀνὴρ ἐφαίνετο, ὃν Ἐχέκρατες, καὶ τοῦ τρόπου καὶ τῶν λόγων, ὡς ἀδελῶς καὶ γενναίως ἐτελεύτα [...] καὶ πάντες οἱ παρόντες σχεδόν τι οὔτω διεκείμεθα, τοτὲ μὲν γελῶντες, ἐνίοτε δὲ δακρύνοντες, εἰς δὲ ἡμῶν καὶ διαφερόντως, Ἄπολλόδωρος – οἶσθα γὰρ πού τὸν ἄνδρα καὶ τὸν τρόπον αὐτοῦ (tradução de José Américo Motta Pessanha). Assim pondera Strauss (*op. cit.*, p. 58) sobre os efeitos da narrativa indireta: *In the narrated dialogue on the other hand a participant in the conversation gives an account directly or indirectly to non participants and hence also to us.**

Minhas impressões naquele dia foram realmente singulares, porque, em lugar de apiedar-se da morte de um homem a quem tanto queria, pareceu-me ser sua sorte invejável, porque estive diante de um homem feliz, amigo Equécrates, feliz em seu modo de comportar-se, na sua linguagem e pela intrepidez e serenidade com que morreu. (...)

À ideia de que aquele homem ia morrer, produzia-se em mim um extraordinário misto de pena e prazer, e o mesmo se produzia em todos os presentes. Tanto ríamos quanto chorávamos, sobretudo um de nós, Apolodoro, certamente já o conheces.

Do ponto de vista *fisiológico*, nesse ensaio procuramos salientar como a narrativa de Platão cria formas textuais de idealizar a morte, veiculando uma expressão de sua própria verdade, que estrutura valores a serem transmitidos através da cultura.<sup>34</sup> Platão imaginou poder reprimir as artes miméticas para fortalecer sua cidade ideal, tolerando-as somente na medida em que têm a função de educar cidadãos virtuosos. O valor disso não nos é permitido discutir aqui, mas as últimas palavras de Fédon são veementes: “eis aqui, ó Equécrates, como morreu nosso amigo. Do homem podemos dizer que foi o melhor de todos que conhecemos em nossa época, o mais sábio e ainda o mais justo”.<sup>35</sup>

Voltando ao livro X d’A *República*, no qual o filósofo discute o estatuto das artes imitativas dentro da sua cidade, esse aspecto é muito importante para a “saúde” da cidade. É necessário domesticar as emoções e os exemplos dados pela poesia não são indicados para a educação dos cidadãos, não são paradigmas da virtude nem da verdade. Os poetas não têm conhecimentos verdadeiros daquilo que escrevem,<sup>36</sup> e usam da ilusão e dos encantos da *mímesis* para enganar os espectadores. Assim se posiciona Sócrates acerca dos perigos da representação destes heróis, ele que se pergunta, ademais: “então, é belo elogiar um homem com o qual não gostaríamos de nos parecer, que por sua atitude nos faria corar, e, em vez de sentir repugnância, comprazermo-nos com esse espetáculo

---

<sup>34</sup> Cf. Strauss, *op. cit.*, p. 59: *Perhaps, Socrates does not primarily intend to teach a doctrine but rather to educate human beings, to make them better, more just or gentle, more aware of their limitations.*

<sup>35</sup> Platão, *Fédon*, 118a15-17: “Ἡδε ἡ τελευταία, ὧς Ἐχέκρατες, τοῦ ἑταίρου ἡμῖν ἐγένετο, ἀνδρός, ὡς ἡμεῖς φαίμεν ἄν, τῶν τότε ὧν ἐπειράθημεν ἀρίστου καὶ ἄλλως φρονιμωτάτου καὶ δικαιοτάτου (tradução de José Américo Motta Pessanha).

<sup>36</sup> Platão, *Rep.* 598d-602c.

e louvá-lo?”<sup>37</sup> Se uma parte da poesia corrompe a verdade e os homens, do ponto de vista ético ela é danosa para cidade. Não importa sobre o que se escreve, se os personagens são moralmente bons ou maus. Platão sugere que a *mímesis* leva a um resultado perigoso nas mãos daqueles que desconhecem a verdade, ou seja, os poetas.

Se Sócrates teve essas qualidades de virtude ou não é uma outra questão. Platão, com competência, argumentou a seu favor.<sup>38</sup> O que nos interessou aqui foi a narrativa do *como* morreu.<sup>39</sup> Numa descrição mais realista dos efeitos da cicuta, a pessoa “tem vertigens, distúrbios de espírito, a vista obscurece, os olhos reviram-se selvagememente, os joelhos enfraquecem, a garganta fecha e as extremidades paralisam.”<sup>40</sup> Se, por um lado, Platão propõe com coerência argumentativa uma nova construção estética de narrativa da morte,<sup>41</sup> colocando-se como alternativa, por outro, ele não pode escapar ao mesmo mecanismo de

<sup>37</sup> Platão, *Rep.* 605c10-605e7: Ἡ καλῶς οὖν, ἣν δ' ἐγώ, οὗτος ὁ ἔπαινος ἔχει, τὸ ὀρώντα τοιοῦτον ἄνδρα, οἷν ἑαυτὸν τις μὴ ἀξιῶ εἶναι ἀλλ' αἰσχύνοιτο ἄν, μὴ βδελύττεσθαι ἀλλὰ χαίρειν τε καὶ ἔπαινεῖν; (tradução de Enrico Corvisieri).

<sup>38</sup> Cf. Magalhães-Vilhena, V. *O problema de Sócrates. O Sócrates histórico e o Sócrates de Platão*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984, p. 390-391: *Nunca Platão nos dá, nos seus escritos, a convicção firme de estar a traçar perante os nossos olhos, com plena consciência, o Sócrates “real”, ou seja, o Sócrates que realmente teria existido, tal como o próprio Sócrates teria querido ser. O Sócrates platônico é o Sócrates que era “real” para Platão, quer dizer o Sócrates que “realmente” Platão via no seu mestre e tal como ele queria que Sócrates “realmente” tivesse sido. O Sócrates dos diálogos platônicos é o Sócrates visto através do temperamento, do pensamento e da época de Platão. Neste sentido, é um Sócrates “construído” e “fictício”. Mas as outras imagens que nos chegaram de Sócrates são também “construídas” e fictícias: as de Xenofonte e a de Antístenes, a de Aristóteles e a de Aristófanes.*

<sup>39</sup> Cf. Strauss, *op. cit.*, p. 52: *There is a connection between the literary question and the philosophic question. The literary question, the question of presentation, is concerned with a kind of communication. (...) The study of the literary question is therefore an important part of the study of what philosophy is. The literary question properly understood is the question of the relation between society and philosophy.*

<sup>40</sup> Cf. Cantarella, E. *Les peines de mort en Grèce et à Rome*. Paris: Albin Michel, p. 98.

<sup>41</sup> A morte de Sócrates já era um paradigma desde a Antiguidade (cf. Baslez, *op. cit.*, p. 23-24; 25): *Socrate a surtout fourni à la postérité l'exemple d'une mort exemplaire, mort consentie, mort supportée sans révolte et avec une parfaite maîtrise de soi, au nom d'une réalité supérieure qui était, pour lui, l'obéissance à la loi de la cité. (...) Le génie dramatique de Platon a rendu l'image de Socrate omniprésente chez les philosophes et les lettrés de l'Antiquité.*

criação poética que, por exemplo, permite a Heitor, moribundo, dialogar com Aquiles com uma lança atravessada na garganta.<sup>42</sup>

Como o próprio Sócrates disse, “não basta saber fazer verdadeiros discursos em versos, mas [é] preciso inventar ficções.”<sup>43</sup>

## Referências

- AHRENSDORF, P.J. *The death of Socrates and the life of philosophy. An interpretation of Plato's Phaedo*. Albany: State University of New York Press, 1995.
- BASLEZ, M.-F. *Les persécutions dans l'Antiquité. Victimes, héros, martyrs*. Paris: Fayard, 2007.
- CANTARELLA, E. *Les peines de mort en Grèce et à Rome*. Paris: Albin Michel, 2000.
- CORNFORD, F. McD. *Antes e depois de Sócrates*. Trad. Walter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DESCLOS, M.-L. *Structure des dialogues de Platon*. Paris: Ellipses, 2000.
- DIXSAUT, M. *Phédon*. Traduction nouvelle, introduction et notes par M. Dixsaut. Paris: Flammarion, 1991.
- GASTALDI, S. Commento al libro X, (A). In: PLATONE. *La Repubblica*. Traduzione e commento a cura di Mario Vegetti. Milano: Bibliopolis, 2007. Vol. VII, libri X.
- GIANNANTONI, G.; NARCY, M. *Lezioni Socratiche*. Roma: Bibliopolis, 1997.
- GUARDINI, R. *The death of Socrates. An interpretation of the platonic dialogues: Euthyphro, Apology, Crito and Phaedo*. New York: Sheed & Ward, 1948.
- de MAGALHÃES-VILHENA, V. *O problema de Sócrates. O Sócrates histórico e o Sócrates de Platão*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.
- PLATÃO. *A República*. Trad. Ana Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PLATÃO. *A República*. Trad. Enrico Corvisieri. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996.
- PLATÃO. *Fédon*. Trad. José Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996.
- PLATÃO. *Republic 10*. Translation and commentary de S. Halliwell. Warminster: Aris & Phillips, 1988.
- STRAUSS, L. *The city and man*. Chicago: Chicago University Press, 1978.

---

<sup>42</sup> Strauss (*op. cit.*, p. 59) é incisivo a esse respeito: *We may draw the further conclusion that the platonic dialogues are dramas, if dramas in prose. They must then be read like dramas.*

<sup>43</sup> Platão, *Phaed*, 61b5-6.